

## “AGENTES DO DESTINO”: DO CONTO DE PHILIP K. DICK PARA AS TELAS

Sandra Trabucco Valenzuela (UAM)<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho analisa o filme *Os Agentes do Destino* (*The Adjustment Bureau*), de 2011, dirigido e roteirizado por George Nolfi, como resultado da transposição do conto "Equipe de Ajuste" ("Adjustment Team"), escrito em 1954 por Philip K. Dick. Na narrativa fílmica, os agentes do destino tentam evitar o romance entre um político promissor e uma bailarina, atuando como intermediários, que manipulam as ações humanas e concretizar o chamado "Plano". Já no conto, os personagens pertencem ao cotidiano, e pontuam na narrativa questões filosóficas como fé e livre arbítrio, em oposição ao "Plano" ou à predestinação.

**Palavras-chave:** Agentes do Destino; Equipe de Ajuste; Philip K. Dick; Literatura e Cinema; Adaptação

Philip K. Dick nasceu em Chicago, em 1928, e morreu em 1982, tendo sofrido ao longo de sua vida com doenças como agorafobia, esquizofrenia e paranoia, sendo que suas obras foram escritas, em boa parte, sob o efeito de metanfetamina.

Em 1962, lança seu primeiro livro, *O Homem do Castelo Alto*<sup>2</sup> (*The man in the High Castle*), que conquistou o Prêmio Hugo. O enredo da obra apresenta os países do Eixo — Alemanha e Japão — como vencedores da Segunda Guerra, o que teria obrigado os judeus a assumirem novas identidades e gerado um novo sistema de escravidão dos negros. A história se desenvolve em 1962, quando a Alemanha investe em viagens espaciais, comprometendo as finanças. Nesse contexto, surge a figura do "homem do castelo alto", responsável por escrever uma história em que a Alemanha e Japão não teriam vencido a Grande Guerra, o que permite que as pessoas comuns sonhem com outra realidade.

Distopias, futuro alternativo, literatura fantástica, retrofuturismo e paradoxos são alguns dos temas presentes nos mais de 33 romances<sup>3</sup> e 130 contos de ficção científica publicados ao longo da vida, valendo-se inclusive de pseudônimos, como Richard Philips e Jack Dowland.

Sua infância foi marcada pela morte de Jane, sua irmã gêmea, quando tinha apenas cinco semanas. Devido a essa fatalidade, a família definira que quando Dick morresse,

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorado na área de Literatura Comparada (USP), Doutora e Mestre em Letras (USP), Graduada em Letras (USP). Docente dos cursos de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. Criadora do programa "Mega Séries", Rádio Mega Brasil Online. Contato: [sandratrabucco@uol.com.br](mailto:sandratrabucco@uol.com.br)

<sup>2</sup> DICK, Philip K. *O homem do castelo alto*. Trad. Fabio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2015.

<sup>3</sup> ARNOLD, Kyle. On another planet. Culture. *Independent*, 24/jun./ 2016.

seria enterrado no Cemitério Riverside, no Colorado, ao lado da irmã (VEJA, 2017), o que de fato aconteceu em 1982. Ao longo da vida, Dick assumiu a morte da irmã como uma presença/ausência persistente em sua vida, o que o levou, talvez, a adotar em sua obra a questão do duplo e do universo alternativo.

### **“Equipe de Ajuste” (1954), conto de Philip K. Dick**

O conto apresenta a história de Ed Fletcher, um funcionário público, casado com Ruth, que, numa manhã como outra qualquer, tomam café da manhã, mas Ed chega atrasado ao trabalho e se depara com uma situação inusitada.

O conto estrutura-se em nove partes, que apresentam espaço-tempo diferentes, além de muitas vezes em ações paralelas.

No início do conto, o narrador onisciente propõe um espaço-tempo cotidiano, sem precisão de data, compartilhado com qualquer leitor que tenha vivido num espaço urbano a partir de meados do século XX: “Era uma manhã clara. A grama estava úmida e as calçadas brilhavam à luz do sol, que também refletia e cintilava nos carros estacionados” (DICK, 2012: 269).

Na sequência, o narrador introduz o estranho dentro da narrativa:

O Escriturário veio andando às pressas, folheando as instruções (...).  
O cachorro dormia dentro da casinha, de costas para o mundo. Só se via a cauda grossa.  
— Pelo amor de Deus — exclamou o Escriturário (...) Você aí, acorde.  
O cachorro se mexeu. Saiu da casinha devagar, de frente, piscando e bocejando à luz da manhã.  
— Ah, é você. Já? Bocejou de novo.  
— Missão importante. (...) Estão ajustando o Setor T137 agora de manhã. Começando às nove em ponto. — Consultou o relógio de bolso.  
— Alteração de três horas. Acaba ao meio-dia. (DICK, 2012: 269)

Na primeira parte do conto, o Escriturário estabelece um diálogo com o cão, que, embora continue agindo como um cão, tem atitudes humanas, questionando sobre a missão que lhe é imposta. O cachorro vive nos fundos do quintal de uma casa, e se posiciona “de costas para o mundo”, numa atitude de desdém com relação ao espaço-tempo vivido pelos humanos.

Entretanto, o cão, chamado de Evocador, ouve atento à sua missão: o homem que ambos observam pela janela — Ed Fletcher — deve sair para trabalhar às oito e meia,

pois deverá estar no perímetro do Setor T137 antes que o processo de alteração comece. Evocador entende e aceita a tarefa, contudo, volta a dormir.

Na segunda parte, Ed Fletcher e sua esposa Ruth tomam preguiçosamente café da manhã e se preparam para ir trabalhar, como faziam todas as manhãs. Esta parte é importante para revelar uma situação cotidiana e de absoluta normalidade, contrapondo-se ao estranhamento gerado pelo diálogo entre o cão e o Escriturário.

Embora Philip K. Dick seja mais conhecido pelo gênero de ficção científica, neste conto destaca-se a presença do fantástico e do estranho. Um dos primeiros recursos que marcam o fantástico é a inserção de personagens num mundo real. Tzvetan Todorov explica o maravilhoso contrapondo-o à literatura fantástica:

Se os fatos e os fenômenos podem ser explicados sem infringir as regras da verossimilhança, aí termina o fantástico, temos o gênero estranho; se, entretanto, são violadas as leis da natureza, sendo necessário admitir novas fórmulas para a explicação dos fenômenos descritos, temos, então, o maravilhoso (Todorov, 1975, pp. 47-8).

As duas primeiras partes do conto de Dick tratam exatamente de compor essa quebra inusitada e inexplicável: por que o Escriturário incumbe um cão falante de realizar uma missão? Qual a relação que se estabelece entre os personagens? O que é o Setor T137?

A terceira parte apresenta o momento em que, embora estimulado pelo Escriturário, o cão adormece e perde a hora, subvertendo a ordem estabelecida previamente pelo Escriturário, gerando um caos, que exige medidas rápidas para tentar fazer com que Fletcher chegue a tempo.

Na parte quatro, Fletcher ainda está em casa fazendo a barba, quando ouve tocarem a porta: para interferir na ordem natural, depreende-se que o vendedor que bate à porta de Fletcher para retê-lo, oferecendo-lhe seguros. Considerando que o cão falhara, esse fora o recurso encontrado pelo Escriturário para corrigir o erro.

Ed Fletcher acabou comprando um seguro de dez mil dólares, mais porque queria que o vendedor fosse embora logo, do que por necessidade. Seguiu, então, apressado para o trabalho, pensando que seria repreendido pelo chefe, o “velho Douglas”, por ter se atrasado.

Quando estava a caminho, as imagens e percepções de Fletcher foram-se modificando:

Ed hesitou. Talvez pudesse alegar que ficou preso no elevador. Em algum ponto entre o segundo andar e o terceiro. [...] E parou, rígido. O sol havia apagado. Estava brilhando e, no instante seguinte, já não estava mais lá. Ed olhou para cima de súbito. Nuvens cinzentas passavam, dando voltas. Nuvens enormes e sem forma. Nada mais. Uma névoa densa e sinistra que fazia tudo oscilar e escurecer. Ele sentiu arrepios desconfortáveis. *O que era isso?* (DICK, 2012: 274-5).

O mal-estar de Fletcher e a mudança do céu são elementos que introduzem à trama elementos inusitados, que perturbam a realidade cotidiana vivenciada pela personagem e que também é compartilhada pelo leitor. Nuvens cinzentas, que repentinamente cobrem o sol, são um prenúncio de que algo está errado. A incompreensão, o desconhecido e o mistério são as sensações-chaves que criam um clima de desestabilização do real: a narração fantástica “se compraz em apresentar a homens como nós o inexplicável, mas dentro do nosso mundo real” (VAX apud ROAS, 2014: 75).

A cena ganha contornos assustadores para Fletcher, no entanto, ele prossegue rumo ao edifício onde funciona o seu escritório:

[...] Ed olhou à sua volta, transtornado, tentado enxergar através da névoa em movimento. Nenhuma pessoa. Nenhum carro. Nenhuma luz. Nada. O edifício agigantava-se adiante, fantasmagórico. Ele estendeu a mão, hesitante... Uma parte do prédio caiu. Desmoronou numa torrente de partículas. Feito areia. Ed ficou boquiaberto, com cara de bobo. [...] — Ei — balbuciou Ed. — O que está havendo? O vendedor não respondeu. Ed estendeu o braço na direção dele. Sua mão tocou o braço cinza do vendedor... e o atravessou. — Meu Deus — exclamou Ed. O braço do vendedor se soltou. Caiu no chão do saguão, desintegrando-se em fragmentos. Pedacos de fibra cinza. Como poeira. Ed ficou zozzo. — Socorro! — gritou, ao encontrar a voz. (DICK, 2014: 275)

Todo o trecho é encadeado por sequências de frases curtas, sem verbos, o que acentua a sensação de respiração ofegante, provocada pelo medo de Fletcher. O edifício se desintegra, bem como as pessoas, fragmentando-se em partículas acinzentadas, como se fossem apenas pó.

Essa ideia pode ser encontrada em diversas passagens do texto Bíblico, sem que, no entanto, tais passagens sejam explicitadas no conto: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Genesis, 2:7); ou ainda, “Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão ao pó” (Eclesiastes 3:20).

A remissão ao texto bíblico também pode justificar o quadrante especificado para o “ajuste”: T137. Sem autor identificado, o Salmo 137 é um cântico de Sião, que aborda o desespero daqueles que sofreram na destruição de Jerusalém pelo povo de Edom e da Babilônia, em 586 a. C. Trata-se de um rogo, uma exposição de um desejo expresso, uma verdadeira vociferação emocionada, conforme Hermann Gunkel (1998), uma “lamentação coletiva”, que trata dos seguintes temas: lamentação na Babilônia pela lembrança da destruição de Sião (v. 1-3); desejo de rever Jerusalém e voltar a cantar em louvor a Deus (v. 4-6); anseio de vingança contra o povo de Edom e da Babilônia pela destruição de Jerusalém (v. 7-9).

Ao identificar a intertextualidade com o Salmo 137, pode-se inferir que tanto o conto como o filme associam a ideia de lamento coletivo relacionando-o ao “Plano”, ou seja, o número 137 introduz o conflito, carregado de lamento. Os conceitos de destruição e sofrimento são inerentes à referida intertextualidade.

### **O filme *Os Agentes do Destino (The Adjustment Bureau)***

O filme *Os Agentes do Destino (The Adjustment Bureau)*, de 2011, dirigido e roteirizado por George Nolfi, é fruto da adaptação do conto "Equipe de Ajuste" (“Adjustment Team”), escrito em 1954 por Philip K. Dick.

Ao afirmar que uma obra é uma adaptação,

anunciamos abertamente sua relação declarada com outra(s) obra(s). É isso que Gerard Genette (1982, p. 5) entende por um texto em "segundo grau", criado e então recebido em conexão com um texto anterior. Eis o motivo pelo qual os estudos de adaptação são frequentemente estudos comparados (HUTCHEON, 2013, p. 27).

Este tipo de citação a outra produção audiovisual é entendida por Gérard Genette como *intertextualidade*, isto é, "copresença efetiva de dois textos" (STAM, 2013, p. 231) seja na forma de citação, plágio ou alusão. Enquanto a citação refere-se à inserção de trechos clássicos em filmes, a alusão "pode tomar a forma de uma evocação verbal ou

visual de outro filme, como um meio expressivo de propor um comentário sobre o mundo ficcional do filme aludido" (STAM, 2013, p. 232).

Cahir (2006) define o processo de adaptação da literatura para o filme da seguinte forma:

Like a work of literature, a film is the result of the process of composition, the meaning of which is "to make by putting together". Literature and film composition, unlike a painting, for example, both comprise a series of constantly changing images. The compositional structure of both is created from the splicing together of a sequence of smaller units: a paragraph (or stanza) in literature and a shot in film. Paragraphs, stanzas, and shots simultaneously function as both singular, separate units and as integrated, inseparable parts of the entire work. The splicing together of the smaller units creates the design-whole of the film or the book (CAHIR, 2006: 46-47).

Sobre a adaptação de contos, Cahir (2006) defende que o desafio de adaptar contos é bastante diferente da adaptação de romances ou peças teatrais. É comum que o adaptador escolha o que deve ser cortado no intuito de suprimir passagens literárias. A adaptação de contos, porém, apresenta problemas diferentes. Ao invés de decidir o que omitir do original, o conto tem uma brevidade inerente que exige que o texto seja expandido e não abreviado.

O estudo da adaptação de contos para o cinema deve incluir a provocativa exploração de razões, métodos e significados através dos quais o cinema possa estender a fonte literária (CAHIR, 2006: 186, tradução nossa).

Na transposição do conto de Dick para a narrativa filmica, Ed Fletcher transforma no personagem David Norris — interpretado por Matt Damon — que é um jovem congressista destinado ao sucesso como político, no entanto, sua trajetória é abalada ao conhecer a bailarina Elise Sellas — papel vivido pela atriz Emily Blunt—, fato este que contraria o chamado "Plano". Os agentes do destino passam então tentar evitar esse romance a todo custo, atuando como intermediários, que manipulam as ações humanas, pois ambos estão predestinados ao sucesso, desde que não estabeleçam nenhuma relação.



Fig. 1. *The Adjustment Bureau*, 2011. Cartaz de divulgação.

Assim como no conto, a narrativa aborda questões filosóficas fundamentais como fé e livre arbítrio, em oposição ao "Plano" ou à predestinação. O "Plano" exerceria a mesma função dos oráculos na mitologia clássica, nos quais tudo já estaria escrito e pré-determinado. Caberia ao ser humano o papel de joguete dos deuses, despojado de seu livre arbítrio.

Os agentes do destino seriam intermediários entre Deus e a humanidade. Tanto no conto como no filme, os agentes misturam-se entre as pessoas comuns, sem serem identificadas, assumindo diversas personalidades. Se no conto, o Evocador é um cão que vigia Ed Fletcher, no filme, o Evocador é uma espécie de anjo que cuida de David Norris. O conflito em ambas as narrativas ocorre quando o Evocador adormece e o protagonista tem seu destino alterado. No filme, o Evocador toma o partido de Norris, acaba voltando-se contra os desígnios previstos e passa a agir em favor da concretização do romance, entendendo que o amor pode oferecer outra oportunidade que estaria para além do "Plano", inaugurando possibilidades inusitadas. O "Plano" é controlado através de pequenos cadernos, que permanecem em poder dos agentes, e que revelam em "tempo



real” como se fosse um mapa o que pode acontecer e se há algum conflito ou imprevisto que pode abalar a execução do “Plano”.

Assim, o romance entre os protagonistas, que é o fio condutor presente no filme, não está proposto no conto, já que Fletcher já é casado e mantém um relacionamento estável com sua esposa. O romance proibido trata-se de um elemento inserido justamente na narrativa fílmica porque o conto por si só não oferecia, em termos de tempo, como bem explica Cahir (2006), a possibilidade de realização de um longa metragem. Além disso, conta também o interesse do público, que deve ser fígado pela emoção da aventura romântica na forma de um amor proibido, capaz de vencer todos os obstáculos para se concretizar.

Enquanto o conto propõe uma narrativa fantástica, o filme concentra-se numa temática romântica, em que o amor vence sempre, até mesmo o Plano de Deus. O interesse do filme está nas soluções encontradas na adaptação do roteiro, criando agentes do destino que, por agirem bem diante dos olhos das pessoas, devem valer-se de recursos e truques criativos para não serem descobertos ou percebidos.

O deslocamento espaço-temporal ocorre através de portas comuns, que funcionam como portais míticos, que possibilitam transferir-se de um lugar a outro, encurtando distâncias. É o espaço do entre lugares que, para ser aberto, é preciso estar em contato com os agentes, os quais são identificados pelo uso de ternos e chapéus, como revela o cartaz de divulgação (Fig. 1), através das sombras projetadas nos edifícios de Nova York.

Da perspectiva simbólica, o chapéu remete ao poder, à responsabilidade de assumir uma ideia ou liderança. Na medida que o personagem Norris coloca sobre sua cabeça o chapéu, ele assume o poder de definir o seu próprio destino. Por sua vez, segundo Chevalier e Gheerbrant (2006, pp. 735-6), as portas na tradição cristã, traduz a própria representação de Cristo, ela representa o acesso à revelação: “Eu sou a porta, quem entrar por Mim, será salvo” (João, 10: 9).

A presença do elemento mítico religioso adquire maior visibilidade do que no conto, no qual, embora presente, mistura-se à narrativa com um caráter fantástico. O livre arbítrio apresenta-se como um questionamento da fé, visto que é o próprio Deus quem, ao final do filme, autoriza o relacionamento do casal, abrindo uma nova perspectiva de vida para ambos e para aqueles que os cercam, já que há o todo constitui-se num encadeamento de ações, com causa e consequência.



## Referências

ARNOLD, Kyle. On another planet. Culture. *Independent*, 24/jun./ 2016. Disponível em:

<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/on-another-planet-a7095781.html>

Acesso em 20/jul./2018.

BIBLIA Online. Gênesis, 2:7. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?q=p%C3%B3&f=book%3AGen> Acesso em

03/jul./2018.

BIBLIA Online. Salmos, 137:1-9. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/sl/137> Acesso em 03/jul./2018.

CAHIR, Linda Costanzo. *Literature into film*. Theory and practical approaches. North Carolina, USA: McFarland & Company Publishers, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

DICK, Philip K. “Equipe de Ajuste”. In: *Realidades adaptadas*. Os contos de Philip K. Dick que inspiraram grandes sucessos do cinema. Trad. Ludimila Hashimoto. São Paulo: Aleph, 2012.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. (Tradução André Cechinel). 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

ELLIS, John. *The literary adaptation*. *Screen*, n. 23, p. 3-5, maio/junho, 1982.

GUNKEL, H. *Introduction to Psalms: the genres of the Religious Lyric of Israel*. USA: Mercer University Press, 1998.

OS AGENTES do destino. (*The Adjustment Bureau*). Direção: George Nolfi. Produção: George Nolfi, Universal Pictures. Intérpretes: Matt Damon, Emily Blunt, Anthony

Mackie, Terence Stamp e outros. Roteiro Adaptado: George Nolfi. EUA: Universal Pictures, 2011. 105 min. Cor. Baseado no conto “Adjustment Team”, 1954, Philip K. Dick.

OS AGENTES do destino. Cartaz de divulgação. EUA: Universal Pictures, 2011. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Os\\_Agentes\\_do\\_Destino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Agentes_do_Destino) Acesso em 10/09/2018.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico*. Aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Unesp, 2014.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do Cinema*. 5ed. São Paulo: Papyrus, 2013.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1975/1992.

VALENZUELA, Sandra Trabucco. *Once upon a time: da literatura para a série de TV*. São Paulo: Chiado, 2016.

VEJA, 07 out. 2017. Quem foi Philip K. Dick, o amalucado criador de ‘Blade Runner’. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/quem-foi-philip-k-dick-o-amalucado-criador-de-blade-runner/> Acesso em 20/jul./2018.